

CARNEIRO, Glycie Mendes. Campinas, décima terceira cidade do Brasil.
 O Estado de S. Paulo. São Paulo, 23 jul. 1965.

Campinas, décima terceira cidade do Brasil

Altiva como as suas palmeiras imperiais e a sua gente — “campineira por mercê de Deus” — é a cidade de Campinas, situada a menos de cem quilômetros da Capital paulista.

Nascida, há quase dois séculos, de um pouso de bandeirantes que ali construíram ranchos para pernoite, realizou o prodígio de transformar-se em um centro de cultura e progresso, em termo do qual gravitam duzentos e cinquenta mil habitantes, no afã quotidiano de expandir cada vez-mais as suas dimensões, prodígio que a guindou ao 13.º lugar entre as cidades de maior densidade demográfica do País, só cedendo hegemonia a São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, Fortaleza, Belem, Curitiba, Santos, Santo André e Niterói.

A par do que o esforço humano soube realizar, o destino brindou Campinas com vultos que deixaram, na História Patria, distribuídos pelos múltiplos setores do conhecimento humano, a marca da inteligência, do talento e da genialidade, representados por um Antonio Carlos Gomes, por um Campos Sales, por um Francisco Glicerio, por um Julio Mesquita — nomes esses que extravasaram os limites impostos pelas fronteiras, para projetar nos rincões mais distantes o nome do Brasil.

Dotada das características e de quase todas as

prerrogativas de uma capital, quer pela pujança da industria, pelo dinamismo do comercio, pelo desenvolvimento urbanístico, pelo nível cultural do povo, quer pelo elevado padrão dos estabelecimentos de ensino — refletidos, todos estes fatores, nas 1500 vias publicas da zona urbana, assim como nas 50 mil unidades habitacionais ainda insuficientes para abrigar a população, e cujo valor locativo ascende a cinco trilhões de cruzeiros — pare-

ce-nos estranho que Campinas, a pioneira das iniciativas que traduzem evolução, permanece, até hoje, praticamente alheia á causa do Turismo.

E' incompreensível que uma cidade que possui clima ameno e saudavel; agua em abundancia; largas avenidas e belissimos jardins; vias de acesso, as mais modernas; serviço de transporte, de transito e de comunicações eficientes: dezenas de monumentos artisticos; museus de diversas modalidades; um Aeroporto Internacional e

magnificas fazendas-modelo nas adjacencias; institutos tecnico-cientificos mundialmente conhecidos, como o Agronomico, o Penido Burnier e o Posto de Fomento Agro-Pecuuario do Jockey Club de São Paulo; bairros residenciais onde impera o bom gosto arquitetônico, e vilas operarias de construções condizentes com a dignidade humana; é inconcebível, reafirmamos,

que esta cidade — que soube preservar um Bosque dos Jequitibás, criar uma Lagoa do Taquaral e construir centenas de pitorescos pesqueiros ao longo dos dois grandes rios que banham o Municipio — permaneça apatica e indiferente ao papel que lhe cabe desempenhar, no sentido de atrair, em larga escala, visitantes do País e do estrangeiro.

Tendo tudo para atrair, e para exhibir, Campinas é uma cidade austera, que raramente sorri ao forasteiro. Não procura conquistar, tampouco fixar a multidão que por ela desfila, em demanda de cidades mais longinquoas, com as quais estabelece ligação por excelentes vias asfalticas.

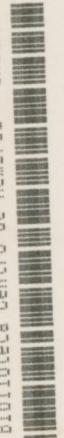
Não é o turista quem nela permanece, mas o homem de negocios, os amigos ou familiares dos que ali residem.

Tal fenomeno faz com que, inversamente, tambem seja ignorada pelas levass continuas de quantos dela se servem apenas como pssagem. Admiram-na no conjunto, neste ou naquele trecho, e prosseguem, sem se deter em seus valores reais.

Não é justo que Campinas assim conserve, avaramente, a sua grandeza, ignorando o elemento adventicio.

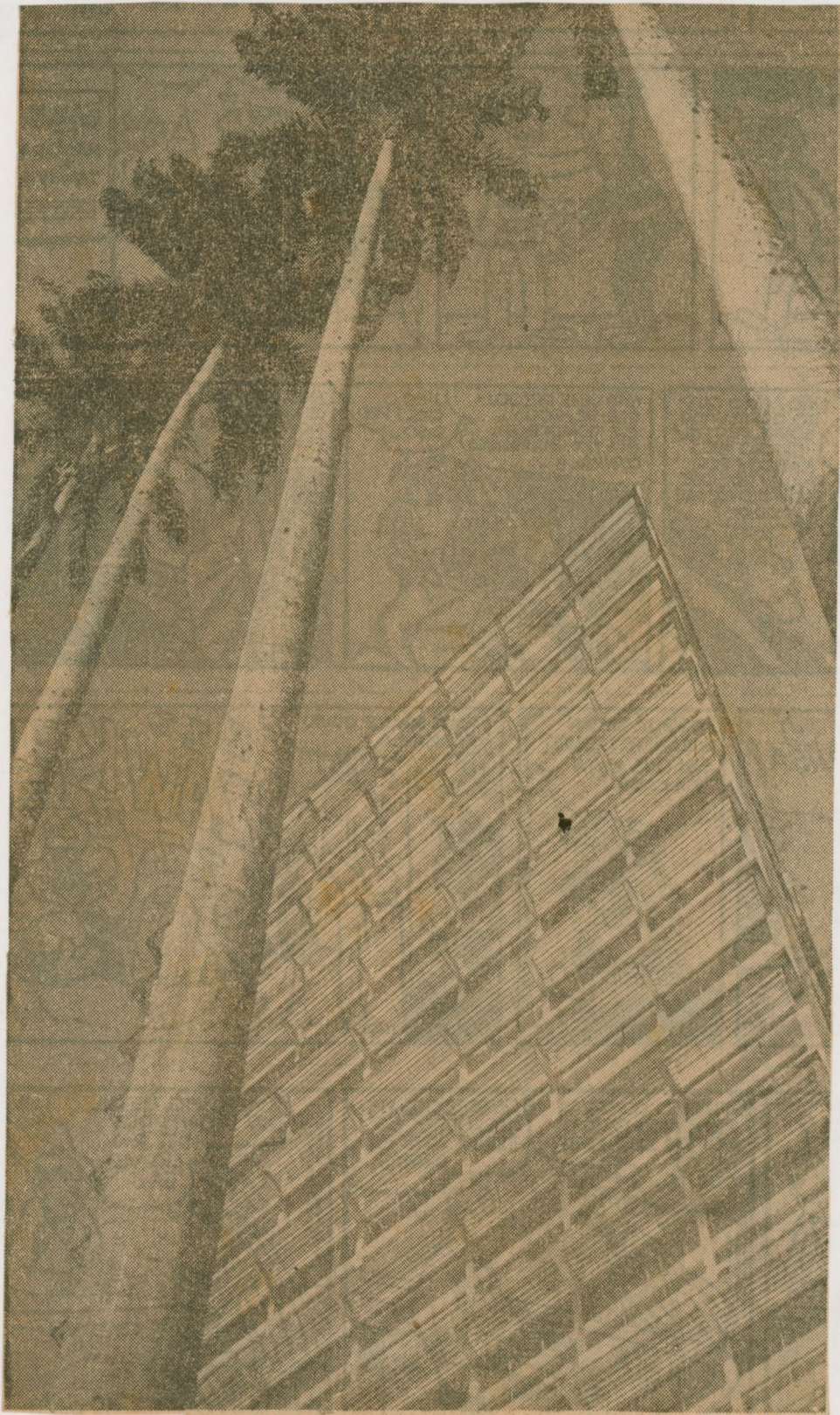
Em beneficio de sua propria riqueza, e para conservar-se coerente consigo mesma, atualizando-se sempre com relação ao progresso, deve acolher com simpatia e carinho fraternal o visitante. E ele partirá com a melhor das impressões, fazendo-se arauto da cidade da qual deve orgulhar-se, não só seu povo, nem só São Paulo, mas todo o Brasil.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE031032

1.1
CARRIHO, Ojeda Mendes. O Yate de S. Paulo. São Paulo, 23 Jul. 1968.

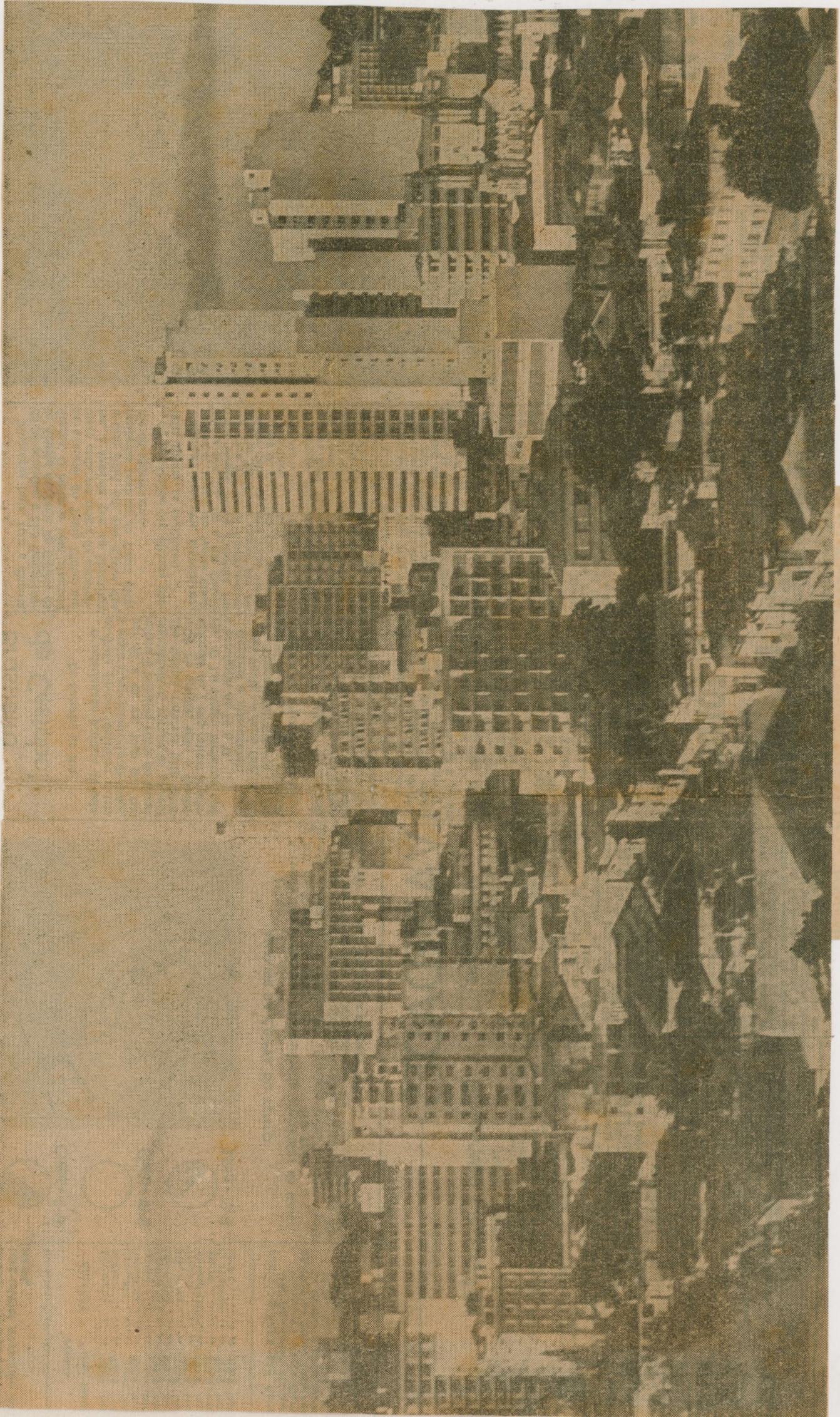


Na verticalidade, ambos procuram o infinito

JFT 8.5.10.12-2
31032

f.2

CARNEIRO, Clycie Mendes. Campinas, décima terceira cidade do Brasil.
O Estado de S. Paulo. São Paulo, 23 jul. 1965.



Aqui se encontram tôdas as características de uma Capital

CARNEIRO, Clycie Mendes. Campinas, décima terceira cidade do Brasil: Viracopos situa-se a onze Km. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 23 jul. 1965.

Viracopos situa-se a onze km

Há onze quilômetros da cidade de Campinas, e a 120 da Capital paulista, ligado a ambas por excelentes vias pavimentadas, localiza-se o Aeroporto Internacional de São Paulo, denominado Viracopos, e que os campineiros preferem designar por Aeroporto de Campinas.

Recebe aviões a jato de qualquer tipo ou tamanho, tendo a pista principal 3.400 metros de extensão (está sendo ampliada para 4.500), largura de 45 metros e 7,5 de acostamento.

Em 1963 ali pousaram 3.892 aviões, e de janeiro a agosto de 1964, registraram-se 2.725 pousos. Embarcaram, em 1963, 40.651 e desembarcaram ... 43.374 passageiros. De janeiro a agosto de 1964, embarcaram 27.824, e desembarcaram 29.214. Transitaram, em 1963, 95.575 passageiros, e de janeiro a agosto de 1964, 71.335 passageiros.

Viracopos ainda não é uma realidade, eis que as obras projetadas estão, praticamente, abandonadas pela metade. Deverá ligar-se, dentro em breve, a São Paulo, por helicóptero, vencendo em poucos minutos a distância, e pousando num heliporto construído a 103 metros de altura, no topo de um edifício da avenida São João.

Pioneirismo

Campinas considera-se uma das pioneiras na história da aviação.

Em 1876, o aeronauta mexicano Theodulo R. Ceballos fazia sua primeira ascensão em balão, do quintal de uma casa da rua 11 de Agosto.

No fim do ano seguinte, Santos Dumont ali esteve, realizando experiências.

Mais tarde, Campinas inaugurava uma Escola de Aviação que, algum tempo após, era destruída por um incêndio.

Campinas possui outro campo de pouso — Campo dos Amaraís — destinado à aviação civil.

CARNEIRO, Clycie Mendes. Campinas, décima terceira cidade do Brasil: há passado no presente. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 23 jul. 1965.

Há passado no presente

A cidade de Campinas, asentada na base de suave colina, passa, no momento, por sensível remodelação, quer do ponto urbanístico, comercial, industrial quer do cultural.

Uma febre de demolições e reconstruções se processa, dando-lhe nova feição de concreto, que sobe até 25 andares. E, aliás, uma das poucas cidades do Interior que comporta a concepção da verticalidade em sua arquitetura, pela larga expansão demográfica pela qual está passando.

Há cidades de pequena expressão urbana, com áreas vazias no proprio centro, e que, talvez á guisa de enfeite, se dão ao luxo de construir um ou dois arranha-céus — verdadeiras aberrações em contraste com o seu bucolismo; e que são habitados, imediatamente, por pessoas de recursos, que abandonam esplendidas casas terreas, construídas em áreas que mais parecem chacaras. Trocam seus jardins por vasos de cimento, aprisionam passaros em duas ou três gaiolas, e vão respirar o ar confinado dos apartamentos. Trata-se de fenomeno que até hoje não conseguimos compreender.

1.500 ruas

Mais de 1.500 ruas formam a parte mais importante da cidade, havendo centenas de outras pelos bairros mais afastados. A tradicional Barão de Jaguará continua sendo a principal; a General Osório, misto de comercial e residencial; José Paulino e avenida Barão de Itapura, as mais extensas, sendo a ultima a mais larga de Campinas; 13 de Maio, onde predomina o comercio varejista, e na qual as estatísticas assinalaram, em certo trecho, a passagem de 60 pessoas por segundo; Costa Aguiar, de comercio atacadista; avenidas Francisco Glicerio e Campos Sales, modernizadas e com notavel linha de edificios altos; na primeira localiza-se a rede bancaria; seguem-se as monumentais avenidas Moraes Sales e Senador Saraiva que, partindo do Viaduto, dão acesso rapido aos bairros.

Jardins

Campinas possui esplendidos jardins publicos, muito bem

tratados, e aos quais a população dedica ternura, pelo muito que representam nas suas evocações.

O Carlos Gomes, todo cercado por dezenas de elegantes palmeiras imperiais, que lembram um passado distante e a genialidade do artista; ostenta as estatuas de Ruy Barbosa e de Tomás Alves.

O largo Bento Quirino rende sua homenagem a Carlos Gomes, Bento Quirino e Cesar Bierrenbach.

A praça mais central e de maior movimento é a Visconde de Indaiatuba, ou largo do Rosario, totalmente remodelada e ampliada com a demolição da tradicional e historica igreja do Rosario, que está sendo reconstruída, em copia fiel, em bairro mais afastado; o monumento a Campos Sales, ali existente anteriormente, foi removido para a avenida do mesmo nome.

A praça Imprensa Fluminense, o jardim mais antigo da cidade, é dotado de Parque Infantil.

A praça José Bonifácio, mais conhecida como largo da Catedral, tem no centro a estatua de D. Nery, primeiro bispo de Campinas, cognominado "o pai da pobreza".

A praça Pará, remodelada, com um coreto ao centro, um chafariz e os monumentos do Café e de Alvaro Ribeiro (fundador do jornal Correio Popular).

A praça Luiz Camões, com a estatua do poeta português ao centro.

Resta citar o suntuoso e monumental Viaduto, recentemente construído sobre as linhas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que é a antecâmara da cidade aristocratica; e o bellissimo parque da lagoa do Taquaral, que está sendo transformado em um dos centros mais completos de recreação e pratica de desportos de todas as modalidades; já estão terminadas as obras da piscina olimpica, á sua margem, e do amplo Ginasio, um dos mais modernos do Estado, com capacidade para 10 mil espectadores sentados.

Andorinhas

Nas tradições de Campinas ficaram as andorinhas, que es-

colheram para morada os beirais do velho Mercado Municipal. Transformaram-no, de tal maneira, em poetica atracção, que o proprio chefe do Executivo, tocado em sua sensibilidade, cedeu-lhes totalmente o campo de pouso, transferindo as instalações para outro local.

Surgiu, assim, a Casa das Andorinhas.

Todavia, á proporção que a cidade crescia, e os cafesais

adjacentes iam invadindo as matas, as andorinhas, tomadas de nostalgia do verde, e privadas do sol que os arranha-céus eclipsavam, partiram para longe, para não mais voltar. Em protesto contra a civilização, deixaram a casa vazia.

Hoje, demolida a Casa das Andorinhas para dar lugar a nova praça, elas ali estão imortalizadas em monumento — e na saudade do povo campineiro.

CARNEIRO, Clycie Mendes. Campinas, décima terceira cidade do Brasil: vida social e esportiva. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 23 jul. 1965.

Vida social e esportiva

Em Campinas há uma centena de entidades recreativas e culturais, que congregam em seus quadros cerca de 40 mil pessoas.

Elevado numero de aficionados (e até fanaticos) têm o futebol, cestobol, natação, tenis, voleibol, assim como o ciclismo e o aeromodelismo.

Distingue-se a cidade, das demais, no setor de esportes, pelos dois estadios de futebol que possui — Guarani e Ponte Preta, sendo este o mais antigo do Brasil; em torno dos dois a população se divide, em animos os mais acirrados. Há, também, o estadio do Moglana, inacabado; as duas praças de esportes do Clube Campineiro de Regatas e Natação; e as dos estabelecimentos de ensino e das demais sociedades recreativas.

O Joquei Clube, que no momento constroi novo Prado; o Tenis Clube; o Clube Campineiro, fundido com o Joquei; o Clube Semanal de Cultura Artística, o Concordia, e outros menores, completam o quadro das atividades socio-esportivas locais.

Dezesseis parques infantis municipais, com clubes agricolas anexos, entretêm a garotada, preservando-a dos perigos das vias publicas.

Sousas

Um dos recantos mais pitorescos e privilegiados de Campinas, para excursões, piqueniques e pratica de esportes, é Sousas, distrito recentemente criado, a 7 quilometros do centro, passando por bairros residenciais, de onde se des-cortina a cidade, e por excelente estrada pavimentada.

A vila, que tem cerca de vinte ruas, é cortada pelo rio Atibaia, em cujas margens o Clube Campineiro de Regatas e Natação mantém magnifico parque esportivo.

Imprensa

Três jornais diarios — Diario do Povo, Correio Popular e Jornal de Campinas — a publicação quinzenal Comercio e

Industria, semanarios e me-laduzia de revistas, constituem, com a Radio Educadora de Campinas, a Radio Publicidade e Cultura e a Radio Brasil de Campinas, a imprensa local.

Cerca de 60 radioamadores comunicam-se com outros municipios, países e Estados.



Bosque dos Jequitibás



Praça Carlos Gomes, cercada de palmeiras



Rua onde o movimento é mais intenso

JFT 8.5 12.12-6
31032 F.6

CARNEIRO, Clycie Mendes. Campinas, décima terceira cidade do Brasil: do pouso de bandeirantes surgiu o povoado. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 23 jul. 1965.

Do pouso de bandeirantes surgiu o povoado

De um pouso de bandeirantes paulistas, que se internavam pelo sertão de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, em busca de ouro, pedras preciosas e aprisionamento de índios, surgiu pequeno aglomerado de ranchos que, expandindo-se pouco a pouco, tornou-se em arraial, pertencente a Jundiá.

A fama da boa qualidade das terras propagou-se com rapidez, atraindo numeroso contingente humano, que começou a construir as primeiras casas, no local hoje denominado Campinas Velha.

Entre os pioneiros estava Francisco Barreto Leme, considerado o fundador.

Em 1773, conseguiram os moradores a sua elevação à categoria de freguesia, com o nome de Nossa Senhora da Conceição de Campinas de Mato Grosso. Já então era habitada por 357 membros de 61 famílias.

Na capelinha que haviam edificado, celebrou-se a primeira missa a 14 de julho de 1774; alguns historiadores consideram data da fundação 3 de setembro de 1739.

Assinaram o pedido para a criação da freguesia Francisco Barreto Leme, José de Souza Siqueira, Domingos da Costa Machado, Francisco Pereira de Magalhães, Luiz Pedroso de Almeida, Salvador Pinho e Bernardo Guedes.

Em 1781 inaugurou-se a Matriz da cidade, atualmente Matriz Velha ou de Santa Cruz, tendo por padroeira Nossa Senhora do Carmo.

Por Provisão de 4, e ordem de 16 de novembro

de 1797, a freguesia teve as honras de vila, recebendo o nome de São Carlos, em homenagem a uma princesa portuguesa recém-nascida no dia de São Carlos Borromeu.

Instalada a 14 de dezembro de 1797, a vila já era habitada por 2107 pessoas, e tinha três ruas: de Cima, atual Barão de Jaguará; do Meio, atual Dr. Quirino; e de Baixo, mudado para general Carneiro, e posteriormente para Luzitana.

A 5 de fevereiro de 1842, a vila de São Carlos foi elevada à categoria de cidade, retomando o nome de Campinas. Deveu-se este acontecimento, recebido com regozijo pela população, ao barão de Monte Alegre, então presidente da Província de São Paulo.

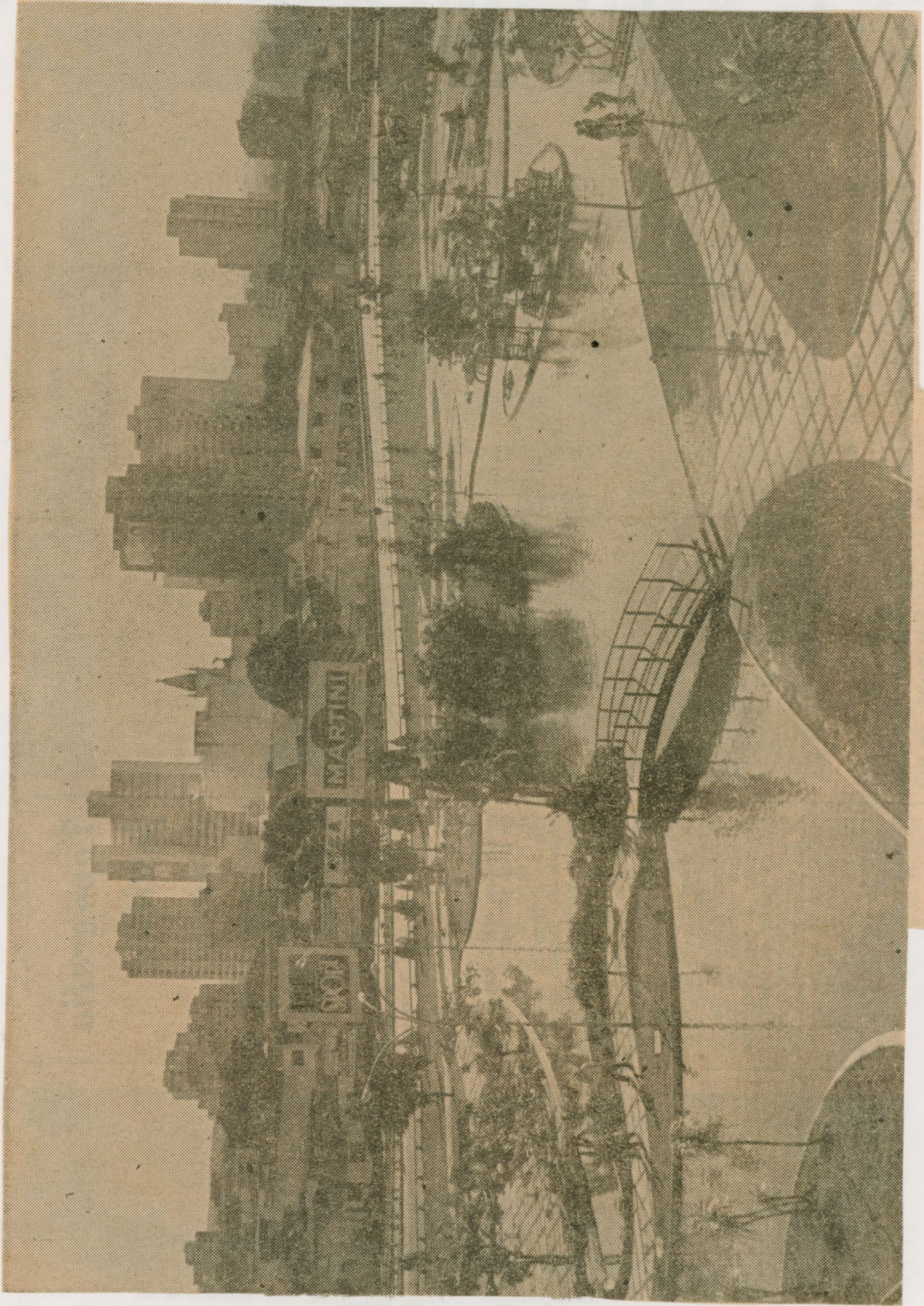
Foi em terras campineiras que se travou, em 1842, o combate de Venda Grande, por ocasião das lutas políticas entre os partidos Liberal e Conservador, do tempo da Monarquia.

Outras rebeliões políticas se registraram, sem maiores reflexos nacionais,

Por ocasião da Guerra do Paraguai, em 1866, dela participaram muitos campineiros voluntários; e na revolta da Armada, batalhões da Guarda Nacional foram até Itararé.

Campinas lutou pela abolição dos escravos, e tomou parte ativa na propagação das idéias republicanas.

Em 1889, e alguns anos depois, a cidade foi assolada por epidemia de febre amarela, que sacrificou muitas vidas. O saneamento da cidade extinguiu o terrível mal.



Com o Viaduto, tornou-se suntuosa a entrada da cidade

SÃO PAULO, 21 Jul. 1957.
do ponto de vista da arquitetura urbana e povoada. O estado de S. Paulo.
CARRIÃO, Gilvânio Mendes. Arquitetura, técnicas e planos da cidade de São Paulo.

01085